



Chrystello\*

## Timor 45 anos depois

*“A mim restam as memórias que o tempo ajudou a mitificar, as recordações da beleza das terras e das gentes, e imaginar como tudo teria sido diferente se as datas de 11 e 20 agosto de 1975 não tivessem alterado o nosso futuro para sempre. Resta-me o amor incondicional pela terra e pelas gentes”.*

Era agosto 1975, passava uns meses de férias em São Martinho do Porto em Portugal quando ouvi na rádio primeiro a notícia do golpe de estado da UDT a 11 e depois a sublevação da Fretilin dia 20 e o começo da guerra civil que iria mudar a vida a milhões de pessoas em vários países. Um terço da população (200 mil) foi aniquilada depois pela invasão e colonização indonésia de 24 anos, milhares de mortos e estropiados, a destruição quase total em 1999 até a ONU patrocinar o referendo que deu a independência em maio 2002.

Eu deixei Timor e Bali em maio 1975 e planearei regressar passados uns meses de descanso e férias, provavelmente depois do meu aniversário em outubro, aproveitando a viagem a que tinha direito num avião das FAP (Força aérea portuguesa, como todos os oficiais milicianos que tinham estado no exército colonial português e que queriam regressar à província ultramarina onde tinham estado em serviço).

Em outubro as forças avançadas e infiltradas da Indonésia antecipando a Operação Komodo assassinaram os 5 de Balibó (os colegas jornalistas australianos, britânicos e neozelandeses o repórter Greg Shackleton, 29, o operador de som Tony Stewart, 21; o Kiwi, Gary Cunningham, 27, cameraman do canal 7 HSV-7 em Melbourne;

and dois britânicos, cameraman Brian Peters, 24, e o repórter Malcolm Rennie, 29, do canal 9 TCN-9 em Sydney). Havia um sexto, Roger East de 53 anos, (jornalista australiano da AAP Reuters) que seria executado pelos indonésios no cais de Dili na invasão de 7 de dezembro... desesperadamente a Fretilin proclamara unilateralmente a independência a 28 de novembro e a sua liderança seria tragicamente abatida pelos indonésios nessa guerra sem quartel que se prolongou por 24 anos. O resto é história e todos a conhecem. Hoje, Timor tem 40% da população abaixo do limiar da pobreza (menos de USD 1,25 ao dia), 50% de analfabetos, 97% de católicos, milhões de dólares em fundos da exploração de petróleo, muitas estradas novas foram construídas e dessas quando chove há derrocadas e ficam intransitáveis como aconteceu recentemente no Suai onde existe um inútil e enorme aeroporto internacional sem movimento. Em menos de 20 anos, Timor já teve sete governos, estando atualmente no 8º, mas raramente atingem o fim dos mandatos devido a lutas intestinas, conflitos internos alianças feitas e desfeitas (como no tempo tribal), muita corrupção, nepotismo, laivos ditatoriais de personalidades de destaque. Atentados, sublevações da polícia, do exército, de ex-guerrilheiros

resumem os anos de independência. Costumo ironizar que além da língua portuguesa, a velha guarda aprendeu os truques da cunha corrupta portuguesa, mas doutoraram-se em corrupção com os indonésios. Tanto poderia ter sido feito e não foi, à exceção de Dili que cresceu desmesuradamente (éramos 25 mil, hoje são mais de 250 mil habitantes) se modernizou, mas continua a inundar-se sempre que chove. Os membros do governo e uma certa elite vivem em boas casas com carros de topo de gama, mas no resto do país a miséria assemelha-se à dos anos 70 sobre a qual tanto escrevi ao longo dos anos.

Tanto podia ter sido feito e não foi mas eles são soberanos nas suas escolhas políticas e nas suas opções, eu não, eu nem a opção de regressar tive, nem a de voltar a visitar a terra que o sol em nascendo vê primeiro, a mim restam as memórias que o tempo ajudou a mitificar, as recordações da beleza das terras e das gentes, e imaginar como tudo teria sido diferente se as datas de 11 e 20 agosto de 1975 não tivessem alterado o nosso futuro para sempre. Resta-me o amor incondicional pela terra e pelas gentes.

\*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 [Australian Journalists' Association MEAA]



Pe. Rodrigo Lynce de Faria

## Aprender com os gregos

Porque estudamos os gregos e não estudamos tanto outros povos da Antiguidade? Porque tem tanta importância a cultura grega para a nossa cultura actual?

Perguntas como estas são feitas por Ricardo Moreno, autor de um livro muito sugestivo: *“Los griegos y nosotros: De cómo el desprecio por la Antigüedad destruye la educación”*.

É verdade que na Grécia Antiga se fizeram coisas muito belas. Mas também é verdade que se fizeram coisas lindíssimas tanto no Egipto como na Babilónia. No entanto, os gregos não só fizeram coisas belas, mas reflectiram a fundo sobre o que

significa a beleza.

Também desenvolveram a matemática, como o fizeram de um modo parecido no Egipto e na Babilónia. Mas os gregos, além disso, reflectiram sobre a natureza dos conceitos matemáticos. De igual modo reflectiram sobre o amor e a amizade, a paz e a guerra, o heroísmo e a covardia.

Eles não só produziam coisas, mas reflectiam sobre aquilo que faziam. Ou seja, os gregos filosofavam.

E ao reflectirem com calma davam-se conta de que nem sempre a técnica (por muito maravilhosa e inovadora que ela seja) está ao serviço do bem

integral do ser humano.

É uma ingenuidade perigosa pensar que a técnica por si mesma significa um progresso do mundo actual. Para que isso seja assim, ela deve estar acompanhada por uma reflexão que marque os seus limites éticos e explore as suas possibilidades mais humanas.

A mesma energia atómica pode servir para curar doenças ou para dizimar populações inteiras.

Dois grandes lições nos ensinaram os gregos: o saber que reflexiona sobre si mesmo (filosofia) e o saber que é um valor em si mesmo à margem da sua utilidade (cultura).